

Amigxs,

Na última semana retomamos as atividades do projeto. Continuaremos toda sexta às 14:30 na Sala Interartes do IACS (rua Prof. Lara Vilela, 126, São Domingos, Niterói) e uma terça por mês na Biblioteca Parque de Niterói.

Na sexta vimos dois filmes da 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos, que foi organizada em parte pelo Laboratório Kumã, que desenvolve o Cinema, Sujeitos e Territórios, e por isso temos acesso aos filmes. Primeiro vimos *Sophia* (2013, dir. Kennel Rógis), com o detalhe de que vimos o filme com audiodescrição (uma ferramenta de acessibilidade cinematográfica para cegos e pessoas com baixa visão) e com a tela apagada. Bem dizendo, ouvimos o filme. Depois, tivemos conversas que ajudaram a entender o que é e como funciona uma audiodescrição: particularmente, ficou marcada a questão de como a voz que descreve abre mão de “interpretar” e tenta ser a mais dura possível, ao mesmo tempo em que o texto descreve com fortes marcas de uma busca por objetividade. Falamos também de algumas interpretações e ausências de interpretações em que chegamos, muito orientados ora por um estranhamento diante da audiodescrição ou por uma dificuldade de imersão e ora por uma familiaridade entre a audiodescrição e, por exemplo, histórias infantis narradas em discos.

Depois, ainda assistimos *A Vizinhança do Tigre* (2014, dir. Affonso Uchoa) e acabamos fazendo muitas retomadas a questões que havíamos discutido em outros encontros, principalmente no que diz respeito ao uso do Cinema como forma de construir narrativas sobre modos de ser e viver. Como discutimos com *Terceira Margem* e *Frágil Equilíbrio*, o filme trouxe uma tensão entre como um segmento de uma sociedade é visto por outro segmento da sociedade que o representa em uma narrativa, e, por outro lado, como esse mesmo segmento escolhe (ou escolheria) representar-se ao narrar sua própria história. No caso de *A Vizinhança do Tigre*, a construção coletiva do roteiro contribui muito pra isso – como falamos na ocasião do *Estamos Todos Aqui*. Claro que o Cinema pode ser tanto uma ferramenta para perpetuar um discurso que estruturalmente marginaliza, mas há também um Cinema que usa essa mesma capacidade para fazer um contra-ataque: um Cinema que não só exhibe e dissemina outras visões de mundo, mas que é usado para realizar sua própria construção. O Cinema Brasileiro vem sendo rico nesse sentido e muitos dos filmes que vimos no primeiro semestre se inserem nesse modo de fazer que, por sua vez, interfere no modo de

ser de uma determinada comunidade e de seus partícipes. Mais que ter o direito de contar sua própria história, aparece aí o direito de poder inventar um modo de contar sua própria história, ao invés de se apropriar de um modo já estruturalmente enraizado: é o que discutimos sobre as escolhas do filme de mostrar ora uma certa felicidade dos personagens e ora algo que, fora do filme, seria uma natureza representativa de uma estrutura falida, mas que ali se inseriu como simplesmente a natureza, como o mundo dado a partir do qual se constrói as relações de afetos humanos que o filme explicita. Ótimas conversas também sobre a universalização dos modos de ser e estar trazidos pelo filme, que ultrapassam por demais esse universo construído pela montagem para expressar princípios humanos mesmo, passíveis de ser encontrados em qualquer lugar.

Por fim, terça passada tivemos o primeiro encontro na biblioteca. Ocupamos a maior parte do encontro com uma dinâmica de apresentação – algo muito legal: só foram pessoas que nunca tinham participado! A ideia dessa dinâmica era fazer uma roda e alguém começar dando uma informação para outra pessoa. Essa outra pessoa daria uma informação da mesma natureza para outra, que daria para outra, e para outra, até todo mundo da roda ter falado algo para alguém. Fizemos várias rodadas: começamos com nossos nomes, mas passamos por cores, frutas, livros, séries e bandas. Depois fizemos algumas filmagens curtas mobilizadas pela ideia de “tamanho das coisas”.

Nos vemos sexta que vem, 30/08, no IACS,
e terça, 17/09, na Biblioteca Parque de Niterói.

Beijos,
Keven